

“OS VOSSOS FILHOS E AS VOSSAS FILHAS PROFETIZARÃO”: BREVE ESTUDO ACERCA DO MINISTÉRIO DAS MULHERES NOS PRIMÓRDIOS DO CRISTIANISMO

“Your sons and your daughters shall prophesy”: a brief study
on the ministry of women in the early days of Christianity

*Vitor Manuel Raposo Rafael**

Resumo: Ao longo da história, e através de muitas culturas, as mulheres sempre foram idealizadas como seres humanos de segunda classe, inferiores, tidos entre os mais fracos da sociedade. Desde os finais do século XIX, e ao longo do século XX, pelo menos no Ocidente, as mulheres foram conquistando o seu lugar no meio de uma sociedade que se impunha patriarcal. A Igreja Católica foi talvez um dos últimos redutos, cuja hierarquia foi, a partir da sua institucionalização no seio do império romano, sempre constituída por homens, embora, ultimamente, se vejam já algumas mudanças de pensamento e paradigmas quanto ao papel das mulheres nesta instituição. Mais do que nunca, importa voltar aos primórdios do Cristianismo. Como via Jesus as mulheres? Como se relacionava com elas? Como idealizava o seu papel no meio de uma sociedade fortemente dominada por homens? A história mostra que, nos primeiros três séculos da era cristã, nas primeiras comunidades dos seguidores de Jesus, contrariamente ao que se verificava na sociedade em geral, a mulher participava ativamente na vida da igreja nascente, pelo menos na liderança e no ensino. Será tão-somente após o desaparecimento dos apóstolos que se assistirá progressivamente a uma reversão deste paradigma idealizado por Jesus e por Paulo. Já nos finais do período Ante-Niceno, as mulheres, salvo nas igrejas bizantinas, onde ainda podiam ser ordenadas diaconisas, ficarão praticamente confinadas ao espaço privado, sendo assim proibidas de exercer qualquer ofício no seio da Igreja. Com este breve estudo acerca do ministério das mulheres nos primórdios do Cristianismo, espera-se contribuir para um amplo debate no sentido de recuperar o importante e necessário contributo das mulheres para a vida da Igreja.

Palavras-chave: Mulheres, Igreja primitiva, Ministério na Igreja

Abstract: Throughout history, and across many cultures, women have always been idealized as second-class, inferior human beings, considered among the weakest in society. Since the end of the 19th century and throughout the 20th century, at least in the West, women have been conquering their place in a patriarchal society. The Catholic Church was perhaps one of the last strongholds, whose hierarchy was, from its institutionalization in the roman empire, always constituted by men, although recently we have seen some changes in thinking and paradigms regarding the role of women in this institution. More than ever, it's important to go back to the beginnings of Christianity. How did Jesus see women? How did he relate to them? How did he envision their role in a society strongly dominated by men? History shows that in the first three centuries of the Christian era, in the first communities of Jesus' followers, contrary to what was happening in society in general, women actively participated

in church life, at least in leadership and teaching. It was only after the disappearance of the apostles that there was a gradual reversal of this paradigm envisioned by Jesus and Paul. By the end of the Ante-Nicene period, women, except in the Byzantine churches, where they could still be ordained as deaconesses, were practically confined to the private sphere and were thus forbidden to exercise any office within the Church. With this brief study of women's ministry in the early days of Christianity, we hope to contribute to a broad debate meant to recover the important and necessary contribution of women to the life of the Church.

Keywords: Women, Early Church, Ministry in the Church

Abreviaturas

| | |
|---------------------|--|
| <i>Clem.</i> | Clemente de Roma |
| <i>Comm. Rom.</i> | Orígenes, Commentarius in epistolum ad Romanos |
| <i>Dial.</i> | Justino, o Mártir, Dialogus cum Tryphone |
| <i>Did.</i> | Didaché |
| <i>Hist.Ecl.</i> | Eusébio de Cesareia, História Eclesiástica |
| <i>Hermas.</i> | O Pastor de Hermas |
| <i>Gos. Phil.</i> | O Evangelho de Filipe |
| <i>Inac.Efes.</i> | Inácio, Carta aos Efésios |
| <i>Inac.Mag.</i> | Inácio, Carta aos Magnésios |
| <i>Inac.Polic.</i> | Inácio, Carta a Policarpo |
| <i>Inac.Esmirn.</i> | Inácio, Carta aos Esmirnenses |
| <i>Panarion</i> | Epifânio de Salamina, Panarion |
| <i>PrH</i> | Tertuliano, De praescriptione haereticorum |
| <i>Polic.Filip.</i> | Policárpio, Carta aos Filipenses |
| <i>Trad. ap.</i> | Hippolytus, Traditio apostolica |

* Doutorando em História e Cultura da Religião na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL). Mestre em Ciência das Religiões e Investigador do Instituto de Cristianismo Contemporâneo (ICC), Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.

Introdução

O papel das mulheres nos primórdios do Cristianismo, começando no início do ministério de Jesus, e passando pelos períodos apostólico, patrístico, até ao primeiro concílio de Niceia (325), passou por imensas transformações. Não obstante as convenções sociais e culturais judaicas e greco-romanas, marcadamente patriarcais, nas primeiras comunidades cristãs prevalecia a igualdade entre homens e mulheres – como se verá nas primeiras duas secções deste estudo –, decorrente do ensino e comportamento de Jesus para com as mulheres nos primeiros tempos. Também nas cartas “indisputáveis” de Paulo, veremos que as mulheres assumiam um papel relevante, seja como colaboradoras no seu ministério, seja nas comunidades por ele fundadas. Faremos também uma breve análise à literatura deuteropaulina, escrita já em finais do primeiro século, inícios do segundo da nossa era, a qual reflete tempos de ausência da autoridade apostólica e o início de uma proto-ortodoxia, indiciando já o início de uma reversão do papel das mulheres.

Nas secções seguintes, analisaremos brevemente o período Ante-Niceno, começando com alguns Padres Apostólicos, como Clemente de Roma, Inácio de Antioquia e Policarpo de Esmirna. Da imensa literatura apócrifa escrita, abordaremos os *Atos de Paulo* e o *Evangelho de Filipe* da biblioteca de Nag Hammadi. Os movimentos heterodoxos, como o Marcionismo e Montanismo, oferecem igualmente diferentes leituras, relativamente à ortodoxia católica, acerca do ofício das mulheres nas comunidades cristãs. A concluir, veremos a posição de alguns padres da igreja apologistas e latinos, como Tertuliano, Justino *o Mártir* e Orígenes.

Jesus e as mulheres

As mulheres tiveram um papel muito importante no Cristianismo primitivo. Isso patenteiam os relatos dos evangelhos, onde as observamos como parte integrante do ministério de Jesus. Marcos regista que elas seguiam

e serviam a Jesus no decurso das suas viagens (Marcos 15:40-1). Algumas dessas mulheres, como Maria Madalena, Susana e Joana, mulher de Cuza, administrador de Herodes, eram mesmo patronas de Jesus (Herman, 2000, 364-5), prestando-lhe apoio financeiro (Lucas 8:1-3). O próprio Jesus entrou em diálogo e até em debates em público com mulheres (Marcos 7:24-30 e João 4:1-42), quebrando assim vários preceitos e preconceitos da cultura tradicional judaica. Conforme esta, as mulheres não entravam em diálogo com os homens como pares iguais, uma vez que a sociedade as considerava inferiores a estes. Esperava-se que demonstrassem respeito e submissão para com os homens, algo que podia ser expresso através do silêncio. O discurso político e a retórica eram essencialmente do domínio masculino (Helen 2019, 131). Jesus deixa-se até tocar por mulheres, como o demonstram dois episódios, a saber, o da mulher com um fluxo de sangue (Marcos 5:25-34) e o daquela que o ungiu com óleo antes da sua paixão (Marcos 14:3-9; João 12:1-8). Os evangelhos colocam igualmente as mulheres como as primeiras discípulas que acreditaram que o corpo de Jesus já não se encontrava no túmulo, e até como as primeiras apóstolas, as que, enviadas por Jesus, anunciaram que ele tinha ressuscitado (Mateus 28:1.10; Lucas 23:55-24:10).

Apesar de a literatura rabínica no período do Segundo Templo desencorajar a colocação de mulheres em posições de liderança na sinagoga e na participação da vida religiosa judaica, principalmente na Palestina e na Babilónia (Davies 2008, 641), não parece improvável que Jesus se tenha livremente associado a elas (Herman, 2000, 366) e que elas tenham tomado, em igualdade com os discípulos do género masculino, parte ativa na proclamação do reino vindouro. Conforme Ross Kraemer, é bem possível que, embora Jesus não tenha incitado a uma revolução social no seu tempo, a sua mensagem tivesse implicações revolucionárias. A pregação da iminência do Reino e da vinda do Filho do Homem, pode muito bem ter potenciado alguma forma de

igualdade entre homens e mulheres que o acompanhavam no seu ministério itinerante, antecipando assim o mundo vindouro (Kraemer 1992, 131).

Paulo e as mulheres

Antes de se analisar o pensamento de Paulo relativo ao ministério das mulheres na Igreja, convém, desde já, fazer uma distinção entre as suas cartas “indisputáveis” e as restantes que muitos consideram pseudepígrafas, uma vez que se observam entre estas dois corpus várias discrepâncias, inclusive acerca do papel da mulher (V. Novenson 2022, 262). Na sua carta aos gálatas, Paulo afirma que agora já “não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem e mulher, porque todos sois um só em Cristo Jesus” (Gálatas 3:2),¹ imaginando desta maneira uma nova comunidade eclesial inaugurada por Cristo nesse novo tempo escatológico (1 Coríntios 7; Romanos 8:18-30) e a que ele chama de “nova criação” (2 Coríntios 5:16). No epílogo da carta que dirigiu aos romanos, Paulo, nas suas recomendações e saudações, refere-se a várias mulheres, em pé de igualdade com os homens ali mencionados (Mathew 2013, 1),² como a diaconisa Febe, a colaboradora missionária Priscila, a apostola Júnias, e outras obreiras e trabalhadoras no ministério³, como Trifena, Trifosa e Maria, entre outras. O livro dos *Atos dos Apóstolos* e até as cartas indisputáveis de Paulo, referem igualmente mulheres com o dom da profecia. O caso das quatro filhas de Filipe (Atos 21:8-9) indica que as mulheres estavam também abrangidas pela promessa de Joel do derramamento dos dons do Espírito sobre toda a carne (Joel 2:28-31; Atos 2.17), e exerciam igualmente o dom da profecia, embora o autor lucano sugerisse que elas fossem virgens. Paulo, entretanto, não refere que as mulheres de Corinto que profetizavam – e que, provavelmente, presidiam à eucaristia (1 Coríntios 11) – o fossem, mas que deviam usar véu nas

¹ Todas as citações ao texto bíblico são da *Bíblia Sagrada Para o Terceiro Milénio da Encarnação: Versão dos Textos Originais*. Edited by Herculano Alves. 3 ed. Lisboa: Difusora Bíblica, 2001.

² A monografia de Susan Mathew é um excelente trabalho académico acerca da mutualidade e ministério das mulheres na carta de Paulo aos Romanos.

³ O verbo *κοπιώσας*, imprime a ideia de trabalhar arduamente para o Senhor (Romanos 16:12)

reuniões litúrgicas em respeito para com as convenções culturais judaicas e greco-romanas (Witherington, 1988, 79-80).

Tendo em conta que a família na sociedade romana era predominantemente patriarcal, tendo como cabeça o *pater familias*, o qual exercia legalmente toda a autoridade sobre os restantes membros da família, incluindo as suas propriedades, escravos e libertos (Jeffers 1999, 82), importa referir que as primeiras comunidades cristãs se reuniam em casas privadas tendo, usualmente, à cabeça, um chefe de família. Conforme Witherington, poder-se-ia concluir que essas comunidades cristãs também adotaram essa estrutura hierárquica familiar, mas houve certamente mudanças de paradigma no que se refere ao poder do *pater familias*, decorrentes de atitudes igualitárias que entravam em conflito com a cultura vigente (1988, 105-6). Como em todo o império romano, havia casas cujas cabeças eram mulheres (Massey 2015, 203), inclusive cristãs, como Maria, a mãe de João Marcos (Atos 12:12-17), Lídia, uma importante mulher de negócios (Atos 16:14-15), Ninfa que acolhia a igreja na sua casa em Laodiceia (Colossenses 4:15), Evódia e Síntique, muito provavelmente as líderes da igreja que se reunia na sua casa em Filipos (Filipenses 1:1;4:2), entre outras. O caso de Priscila, que é nomeada antes do seu marido Áquila, é deveras interessante, a qual acolheu em sua casa Apolo e, em conjunto com o marido, o instruiu acerca do “caminho”.

Acerca da passagem problemática de 1 Coríntios 14:34-5, onde Paulo fala acerca dos dons espirituais e onde supostamente ordena às mulheres que permaneçam caladas na assembleia (contrariando o que tinha exposto em 1 Coríntios 11:5), é hoje assumida por alguns intérpretes como sendo uma interpolação (Ehrman 2003, 38-9). Se de facto nos lares a mulher tinha liberdade de exercer os dons carismáticos, inclusive liderança e presidir à eucaristia (Osiek *et al.* 2006, 157-162), poder-se-á colocar a hipótese de as limitações ao ministério das mulheres, como se verificará a seguir na literatura deuteropaulina, existirem

exclusivamente no contexto do espaço público,⁴ algo que, como já foi referido, ia contra as convenções sociais e culturais da altura (Ciampa and Rosner 2010, 718-729).

As mulheres na literatura deuteropaulina

Após a morte de Paulo e no decurso da expansão das comunidades cristãs no mundo Greco-Romano, o surgimento de várias heterodoxias irá desencadear o início de processos de institucionalização e possibilitar mudanças nos paradigmas eclesiológicos. No entender de alguns autores, é nesta nova fase da vida da Igreja que, na ausência do apóstolo Paulo mas apelando à sua autoridade, aparecem os escritos deuteropaulinos, inclusive as cartas pastorais (MacDonald 2004, 86-91). Nas três cartas pastorais canónicas, 1 e 2 Carta a Timóteo e Tito, existe já uma eclesiologia muito diferente daquela que é apresentada nas cartas indisputáveis de Paulo, pois observa-se uma organização estruturada em ministérios controlados essencialmente por homens (1 Timóteo 2:8-15):

“Quero, pois, que os homens orem em todo o lugar, erguendo as mãos puras, sem ira nem altercação. Do mesmo modo, as mulheres usem trajes decentes, adornem-se com pudor e modéstia, sem tranças, nem ouro, nem pérolas, ou vestidos sumptuosos, mas, como convém a mulheres que fazem profissão de piedade, por meio de boas obras. A mulher receba a instrução em silêncio, com toda a submissão. Não permito à mulher que ensine, nem que exerça domínio sobre o homem, mas que se mantenha em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, deixando-se seduzir, incorreu na transgressão. Contudo, será salva pela sua maternidade, desde que persevere na fé, no amor e na santidade, com recato.”

O que é dito neste excerto, particularmente na segunda parte, parece duvidoso e carente de fundamentação. O argumento de que as mulheres não podem ensinar, nem exercer domínio sobre o homem por este último ter sido criado primeiro (o direito de primogenitura), esbater-se-ia perante o facto de

⁴ Para uma extensa análise a estes dois versículos, recomenda-se “The First Letter to the Corinthians. The Pillar New Testament Commentary” de Roy E. Ciampa e Brian S. Rosner.

Deus também ter atribuído funções proeminentes a irmãos mais novos (veja-se o caso de Jacó e David). O autor também não explica o porquê de Eva ter sido enganada em primeiro lugar, e não Adão. O argumento de que a mulher é mais suscetível de ser enganada – e sabemos quão nefasta essa doutrina foi ao longo dos tempos –, cai igualmente por terra, se tivermos em conta o que Paulo expõe ao longo da sua epistolografia, principalmente nas cartas aos romanos e aos coríntios. Por último, é questionável essa ideia de que a mulher só pode ser “salva” através da maternidade, e a relevância desse mandamento para o tema do ensino e liderança das mulheres na igreja.

As cartas endereçadas aos colossenses e aos efésios contêm uma série de “deveres” adstritos à ordem na família, inclusive às mulheres, e que estão de acordo com os padrões culturais da época: “Submetei-vos uns aos outros, no respeito que tendes a Cristo: as mulheres, aos seus maridos como ao Senhor, porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da Igreja - Ele, o salvador do Corpo. Ora, como a Igreja se submete a Cristo, assim as mulheres, aos maridos, em tudo” (Efésios 5:21-24); “Esposas, sede submissas aos maridos, como convém no Senhor” (Colossenses 3:18). Conforme nota Witherington, estes deveres domésticos ou familiares, não sendo uma inovação judaica ou cristã, colocam todavia a tônica nas relações familiares e não nas relações com as autoridades eclesiais (1988, 42-60), algo que retira qualquer força a estas passagens para limitar a participação plena das mulheres no seio das comunidades cristãs.

As mulheres e o ministério no período Ante-Niceno

O período Ante-Niceno é aquele compreendido entre o último quartel do primeiro século até 325 d.C., data do início do primeiro Concílio de Niceia. Este intervalo de tempo pode ser dividido em dois, a saber: o dos Pais Apostólicos, incluindo aqueles considerados seguidores ou companheiros dos apóstolos de Jesus, como Clemente de Roma, Inácio de Antioquia e Policarpo de Esmirna;

e o período dos Pais Apologistas, com Tertuliano, Justino *o Mártir*, Ireneu de Lião, Orígenes, entre outros.

Durante este período, não existe ainda uma única definição doutrinária aceite por todos os cristãos espalhados pela Ásia Menor e Bacia Mediterrânica. Estamos ainda longe das definições doutrinárias do século IV e de um consenso geral em torno da proibição das mulheres ao ofício nas igrejas, algo que se irá, pelo menos no ocidente, concretizar a partir de Niceia em diante.

Mulheres nos Pais Apostólicos

Começando por Clemente de Roma, na sua Carta aos Coríntios nada refere acerca do papel das mulheres dentro das igrejas. Louva os coríntios por exortarem “as mulheres a fazerem tudo em consciência irrepreensível, santa e pura, amando sinceramente a seus maridos e, andando na lei da obediência, são ensinadas a governar a casa sábia e santamente” (*Clem.* I, 3), estando de acordo com os “códigos domésticos” tão conhecidos das cartas pastorais (Lamelas 2016, 29). Já o autor da homília conhecida como Segunda Carta de Clemente, aliás pseudepígrafa, quando cita o texto gnóstico do Evangelho dos Egípcios e, em resposta à questão de quando viria o Reino de Deus, diz: “quando os dois for um, quando o exterior for como o interior, e o masculino como o feminino, não havendo nem homem nem mulher.” (2 *Clem.*XII, 1-2). Aqui temos já a ideia de que, se no Reino as questões do género serão totalmente desvalorizadas, aqui todos deveriam começar já a olhar para o género com um olhar totalmente diferente e de uma maneira igualitária.

Com Inácio de Antioquia, surgem já os rudimentos de uma “visão monárquica” do episcopado e que tem a ver com a relevância dada ao tema da unidade da igreja de que o bispo é o símbolo e figura real de referência. O bispo está no «lugar de Deus», como seu representante «visível» (Inac.Mag. III,2; Inac.Efes. I,3). Esta unidade da igreja à volta do bispo é também ressaltada na Carta aos Esmirnenses:

“Segui todos o bispo, como Jesus Cristo o Pai, e ao presbitério, como os Apóstolos; respeitai os diáconos como o mandamento de Deus. Ninguém faça coisa alguma do que concerne à Igreja sem contar com o Bispo. Seja tida por válida apenas a Eucaristia celebrada pelo bispo ou por quem ele tenha autorizado. Onde está o bispo, aí está a Igreja, assim, como onde está Jesus Cristo, aí está a Igreja Católica (*καθολικὴ ἐκκλησία*). Não é lícito batizar ou celebrar a ágape sem o bispo. Aquilo que ele aprova, é aceite por Deus para que tudo o que se faça seja seguro e válido.” Inac.Esmirn. VIII:1-2.

Esta estrutura, constituída pelo bispo, presbíteros e diáconos, e que ainda não reflete o episcopado pós-niceno, é exclusivamente masculina: as cartas de Inácio de Antioquia nada dizem acerca do ofício das mulheres na igreja. As comunidades cristãs, que se reúnem em lares para celebrar a eucaristia, encontram-se reunidas à volta de um bispo com autoridade absoluta na vida da igreja, bem como presbíteros e diáconos, e na celebração da eucaristia e do batismo. No entanto, no final da carta que escreve ao esmirmenses (tal como Paulo tinha feito na sua epístola aos romanos), Inácio saúda as famílias dos seus irmãos “com as suas mulheres, filhos e as virgens que são chamadas viúvas. (...) Saúdo a família de Távía, que desejo ardentemente esteja firme na fé e na caridade corporal e espiritual. Saúdo Alce, nome que me é muito caro.” (Inac. Esmirn. XIII:1-2). Távía parece ter sido uma mulher com alguns recursos e propriedades, e Alce, muito provavelmente tinha um elevado estatuto religioso na Ásia Menor, uma vez que o seu nome ainda era conhecido em meados do século II. Ambas seriam proeminentes na *ekklesia*, embora Inácio não especifique o seu papel na mesma (Bain 2014, 94).

Policarpo de Esmirna, na sua Epístola aos Filipenses, faz uma importante observação acerca das viúvas referindo-se a elas como sendo “um santuário (ou altar) de Deus” (*Polic.Filip IV:3*), referindo-se provavelmente ao seu importante ministério intercessório. Interessante que, na carta deuteropaulina a Tito, onde se recomenda às anciãs que “tenham um comportamento reverente” (Tito 2:3), a palavra grega *hieroprepeis* sugira a ideia de um lugar sagrado, um templo, condizente com homens ou mulheres, lugares, ações ou coisas sagradas a Deus

(Wuest 1960). Ireneu, na carta que endereçara a Policarpo, aconselha-o a não desprezar as viúvas, pois, depois do Senhor, será ele o seu defensor (Inac.Polic. IV.1).

De referir, por último, o Pastor de Hermas, obra datada da segunda metade do século II e que foi considerada e usada, durante gerações, como texto sagrado (Lamelas 2016, 309). Na segunda visão, o autor dá instruções para que sejam feitas duas cópias da obra e uma seja entregue a Grapa, que exortará as viúvas e os órfãos. A outra cópia deveria ser entregue ao Bispo Clemente para partilhar com outras comunidades dispersas pelas cidades do império (Herms 8. (4) 3). Parece que Grapa e Clemente representavam respetivamente os líderes femininos e masculinos (Kroeger, 1988).

Mulheres na literatura apócrifa

A grande maioria dos escritos considerados apócrifos pela ortodoxia cristã e que relatam a vida e ensinamentos de Jesus e dos seus apóstolos, são datados principalmente entre o segundo e quarto século. Conforme já apontara Ross Kraemer e Mary D'Angelo, durante o processo de canonização das escrituras, obras que autorizam a subordinação das mulheres aos homens, como as cartas de I e II a Timóteo, acabaram por entrar no cânone bíblico. Outras obras, como os *Atos de Paulo* (e Tecla), onde as mulheres são autorizadas a ensinar, batizar e a viver uma vida autónoma de piedade, além de serem consideradas apócrifas, foram excluídas. Outras obras, como aquelas onde Maria de Madalena é vista como apóstola principal (*Evangelho de Filipe*) e recetora de revelação e sabedoria divinas, são igualmente excluídas, enquanto nos evangelhos canónicos, o papel da mesma é minimizado (Kraemer and D'Angelo 1999, 5).

Na viragem do segundo século, o tratado de Tertuliano acerca do batismo⁵, onde trata da questão de quem está ou não autorizado a administrar o sacramento, cita os Atos de Paulo para falar acerca de Tecla:

But if certain Acts of Paul, which are falsely so named, claim the example of Thecla for allowing women to teach and to baptize, let men know that in Asia the presbyter who compiled that document, thinking to add of his own to Paul's reputation, was found out, and though he professed he had done it for love of Paul, was deposed from his position. How could we believe that Paul should give a female power to teach and to baptize, when he did not allow a woman even to learn by her own right? Let them keep silence he says, and ask their husbands at home. (Siebeck 2009, 21)

Este comentário de Tertuliano, além de colocar em causa a veracidade dos relatos, desautoriza o acesso das mulheres ao ensino e administração do sacramento do batismo. O argumento de que Paulo nem sequer teria permitido o direito às mulheres de aprenderem sozinhas, remetendo-as ao silêncio e a depender unicamente dos seus maridos, conforme a passagem de 1 Coríntios 14:34-35, conforme já referido anteriormente, é considerada por muitos como uma interpolação. A argumentação misógina de Tertuliano, de que as mulheres seriam em tudo inferiores aos homens, contrapunha-se ao facto de muitos cristãos verem em Tecla um exemplo de que era igualmente permitido às mulheres o direito de ensinar e até de batizar (Ehrman 2003, 32).

A descoberta da biblioteca de Nag Hammadi em 1945, põe em relevo um conjunto de literatura extra-canónica, essencialmente de teor gnóstico. Por exemplo, no Evangelho de Filipe, escrito provavelmente entre a segunda metade do século II e o final do século III d.C. (Robinson 1988, 27), apresentam-se algumas imagens positivas em relação a uma série de personagens do sexo feminino. Entre essas incluem-se a figura de Maria, a mãe de Deus (*Gos.Phil* 55.23-33; 59.6-11), Maria Madalena, a discípula favorita de Jesus (63.30-64.9, 59.6-11), a irmã de Maria (ou de Jesus) (59.6-11) e Eva (68.22-6; 70.9-22). Conforme Ashwin-Siejkowski, este evangelho omite quaisquer

⁵ Tertullian's Homily on Baptism (London: SPCK, 1964)

referências a estereótipos negativos do feminino que se encontravam na mentalidade de então, tais como a fraqueza das mulheres, a sua irracionalidade, a suposta atração pela percepção dos sentidos e o perigoso apelo sexual. Em relação às fontes judaico-cristãs, mais uma vez, Filipe não elabora uma exegese em que o homem (ou seja, Adão) representa as faculdades intelectuais, a mente, a verdade, enquanto a mulher (ou seja, Eva) representa as paixões e a falsidade. O Evangelho de Filipe defende um simbolismo afirmativo: Eva e a sua relação com Adão representam a origem perdida, mas também a desejada realização escatológica.⁶

Mulheres no Marcionismo e Montanismo

Nos primeiros séculos, alguns grupos de cristãos, como os montanistas e os ligados às correntes de pensamento gnósticas, ordenavam regularmente mulheres presbíteras em conformidade com o texto da carta de Paulo aos Gálatas 3:27-8, o qual estabelece um princípio de igualdade entre homens e mulheres:

“pois todos os que fostes batizados em Cristo, revestistes-vos de Cristo mediante a fé. 28 Não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem e mulher, porque todos sois um só em Cristo Jesus.”

Epifânio de Salamina, defensor da ortodoxia cristã, na sua obra *Panarion*, acusa os montanistas de terem mulheres bispos e presbíteras. Segundo ele, para os montanistas nada disso faz diferença, porque em Cristo não há homem nem mulher (*Panarion* 49.2.5). Critica igualmente as mulheres detentoras de cargos, na sua polémica anti-marcionita (*Panarion* 42.5-5).⁷ Também Tertuliano, na sua obra *De praescriptione haereticorum*, escrevendo acerca de Marcião do Ponto e dos

⁶ Ashwin-Siejkowski, Piotr. *The Image of the Feminine in the Gospel of Philip: An Innovative Assimilation of Paul's Gender Legacy in the Valentinian Milieu*. In *Patterns of women's leadership in early Christianity*, edited by Joan E. Taylor and Ilaria L. E. Ramelli. Oxford University Press, 2021, 98

⁷ Ilaria L.E. Ramelli. *Colleagues of Apostles, Presbyters, and Bishops: Women Syzygoi in Ancient Christian Communities*. In *Patterns of women's leadership in early Christianity*, edited by Joan E. Taylor and Ilaria L. E. Ramelli. Oxford University Press, 2021, 37-8.

marcionistas, afirma que estes celebravam os mistérios à vista dos catecúmenos e que permitiam que as mulheres administrassem o batismo:

“In sum it is unclear who is a catechumen, who the faithful; they approach together, they hear together, they pray together ... the catechumens are as perfect as are the learned. As for the heretical women, how audacious! They who dare to teach, to dispute, to perform exorcisms, to promise healing, perhaps even to baptise!” (PrH 41) (Lieu 2015, 110, 397).

Outros grupos de cristãos que alargavam igualmente os papéis de liderança às mulheres, principalmente às que tinham o dom da profecia, foram posteriormente considerados heréticos pelos defensores da ortodoxia cristã. De destacar no Montanismo as profetas Priscila e Máxima que, além de serem acusadas de heresia, o foram também de irracionais. Segundo a académica Patrícia Miller, estas mulheres foram os primeiros exemplos do que mais tarde se tornou um lugar-comum na escrita teológica: a “mulher herética” exprimia a condição perigosa de uma comunidade cujas fronteiras eram permeáveis e descontroladas, enquanto a figura da mulher virgem simbolizava uma comunidade que estava seguramente fechada a ideias e práticas não ortodoxas (Miller 2005, 6-8). O Montanismo, inseparável do movimento conhecido como “Nova profecia”, o qual se revestiu de extrema importância para as mulheres daquele tempo, surge no final do século II d.C. como um movimento de renovação e reavivamento no interior do cristianismo primitivo. Este movimento fortemente escatológico e aliado ao ascetismo, permitiu às mulheres uma forte participação pública na vida da comunidade (Kraemer 1992 169). O dom da profecia, um dos vários nomeados por Paulo nas suas cartas (1 Coríntios 12, Romanos 12:6), teve uma importância imensa no Montanismo. Uma vez que esses dons eram efetivamente difíceis de controlar, e visto que o Montanismo considerava essas manifestações do Espírito autoritárias e até mesmo superiores aos ensinamentos de Jesus e dos apóstolos, a Igreja mais tarde

acabará por minimizar a importância da profecia, particularmente entre as mulheres.⁸

Mulheres no período dos Padres apologistas e latinos

No período a seguir aos Pais Apostólicos, e principalmente nas igrejas orientais, ainda era permitido o acesso ao ofício das mulheres, principalmente ao diaconato e entre as mulheres mais idosas e viúvas (Schaff 1996). Entre os padres latinos, as posições acerca do ministério público das mulheres eram restritas. Tertuliano, aqui já referido anteriormente, tinha uma visão muito negativa acerca do ministério público da mulher. Na sua obra, *De cultu feminarum*, escrito antes do mesmo ter aderido ao Montanismo, acreditava mesmo que o lugar da mulher era no lar:

“You, however [in contrast to Gentile women who go to the temple and public shows], have no cause of appearing in public, except such as is serious. Either some brother who is sick is visited, or else the sacrifice is offered, or else the word of God is dispensed.” (Ryrie, 2011)

250

No entanto, conforme afirma Charles Ryrie, quando Tertuliano aderiu ao Montanismo, as suas opiniões sobre as mulheres não mudaram. O mesmo rigor que tinha antes vai mantê-lo no essencial: “Não é permitido a uma mulher falar na igreja; mas também não lhe é permitido ensinar, nem batizar, nem oferecer, nem reivindicar para si qualquer função masculina, para não dizer ofício sacerdotal.” É porém evidente que, em certas circunstâncias, aprovava que as mulheres recebessem revelações (Ryrie, 2011).

De Justino *o Mártir*, no seu diálogo com Trifo, judeu, temos uma interessante observação acerca do cumprimento da profecia de Joel, reconhecendo que tanto homens como mulheres recebiam igualmente os dons

⁸ Monique Alexandre. *Early Christian Women*. In *A History of Women in the West*, edited by Georges Duby, Michelle Perrot, and Pauline Schmitt Pantel. Cambridge, Mass.: Belknap Press of Harvard University Press, 1992, 424-5

⁹ Tertullian, *De Cultu Feminarum*, II, 11

do Espírito, “Now, if you look around, you can see among us Christians, both male and female endowed with charisms from the Spirit of God.” (*Dial.* 88.1)

O *Traditio apostolica* de Hipólito de Roma, datado provavelmente dos inícios do século II d.C., fala acerca da ordenação das viúvas, que podiam ser nomeadas e não ordenadas, com a condição de que o seu marido tivesse já morrido há muito tempo, caso contrário as paixões poderiam vingar:

“A elas, não se deve impor as mãos, porque não oferecem oblações, nem têm ministério sagrado. A ordenação é para o clero, por causa do seu ministério, mas a viúva é designada para a oração, e a oração é dever de todos. As viúvas e as virgens jejuarão frequentemente e rezarão pela Igreja” (Trad. ap 11; 25; 27).

Entre os Pais gregos, temos o registo de Eusébio de Cesareia acerca de Orígenes na sua *Historia Ecclesiastica*, onde refere que ele, na sua instrução catequética em Alexandria, “cometeu uma ação que constitui uma prova muito grande de um senso inexperiente e juvenil, mas também de fé e temperança“, discorrendo acerca de assuntos divinos, tanto a mulheres como a homens (*Hist.Ecl.* 6.8.1). Refere ainda que Orígenes tinha à mão mulheres taquígrafas e que tinham bela caligrafia.

O próprio Orígenes, no seu comentário à Epístola aos Romanos 16:7, sugere que Andrónico e Júnias estavam entre os setenta e dois enviados por Jesus, referindo-se claramente a Júnias como mulher e como apóstola (*Comm. Rom* 10.21).

Conclusões

O discurso de Pedro no dia de Pentecostes (Atos 2) deixou em evidência o cumprimento da profecia de Joel 2:28-31: “Nos últimos dias, diz o Senhor, derramarei o meu Espírito sobre toda a criatura. Os vossos filhos e as vossas filhas hão de profetizar; os vossos jovens terão visões, e os vossos velhos terão sonhos”. O texto reveste-se de particular importância para este breve estudo, destacando que, “nos últimos dias”, ou seja, no seguimento da promessa de

Jesus de a todos deixar o Espírito (João 14:16-28), o mesmo seria derramado indiscriminadamente sobre todos. Jesus inaugurou um novo olhar sobre a condição das mulheres do seu tempo. Inserido numa sociedade patriarcal, não hesitou em se deixar tocar por elas, de entrar em diálogo com elas, até de aceitá-las como discípulas (Lucas 10:38-42), ensinando-as aos seus pés. Elas foram as primeiras apóstolas no verdadeiro sentido da palavra (João 20,1-2.11-18) e estiveram juntas com os restantes apóstolos no mesmo local quando o Espírito desceu sobre todos eles (Atos 1:13-4).

Das cartas “indisputáveis” de Paulo, vimos que o mesmo tinha colaboradoras e no ministério, como Priscila, a qual, juntamente com o seu marido Áquila, instruiu Apolo (Atos 18:26); Febe, a diaconisa; Júnia, igual entre os apóstolos, Trifena, Trifosa e Maria, colaboradoras que trabalharam arduamente no Senhor (Romanos 16); Evódia e Síndique, que trabalharam e lutaram ao lado de Paulo na causa do evangelho (Filipenses 4); Afia, que abrigava a igreja na sua *oἶκος* (casa), entre outras. De facto, Paulo, tendo em mente o *eschaton* ou o final dos tempos, imaginava já uma nova comunidade eclesial inaugurada por Cristo nesse novo tempo escatológico, onde já não haveria distinção entre judeus e gregos, escravos e livres, homens e mulheres, porque todos seriam um só em Cristo Jesus (Gálatas 3:2). Nesse sentido, e tendo em mente os limites culturais impostos pela sociedade patriarcal de então, ia gerindo, com equilíbrio, o papel da mulher no seio das emergentes comunidades cristãs que ia fundando. No capítulo 12 da sua primeira carta aos Coríntios, ao dissertar acerca dos dons do Espírito, não faz distinção alguma acerca desses dons, distribuídos tanto a homens como a mulheres, permitindo assim às mulheres que profetizassem e, muito provavelmente, celebrassem a eucaristia (1 Coríntios 11).

Nas cartas deuteropaulinas, escritas após a morte de Paulo, e dada a ausência direta da autoridade apostólica, é já patente uma reversão na permissão às mulheres de exercerem os carismas no seio da igreja. São tempos difíceis,

onde, perante a existência de várias heterodoxias, como as valentinianas e montanistas, se observa já o surgimento de uma proto-ortodoxia que irá impor às mulheres o silêncio nas igrejas e a sujeição das mesmas aos seus maridos (veja-se as cartas pastorais, como 1 e 2 Carta a Timóteo e Tito). Dos escritos dos pais apostólicos, tirando o Pastor de Hermas, onde se permite ainda às mulheres que possam exortar as viúvas e os órfãos, Clemente de Alexandria, Inácio de Antioquia e Policarpo de Esmirna seguem já a linha de pensamento das cartas pastorais.

Conforme já referido, o surgimento de literatura apócrifa, como os Atos de Paulo e o Evangelho de Filipe, que abertamente esbatem as divisões do gênero e apoiam o livre acesso das mulheres ao ofício, pelo menos ao ensino e até à ministração do batismo, terá forte oposição, por vezes mesmo bastante violenta, da parte de alguns pais da igreja, principalmente Tertuliano. Chegados finalmente aos finais do período Ante-Niceno, excetuando algumas igrejas do Oriente, onde se vão permitido por algum tempo o acesso das mulheres ao diaconato, no Ocidente o papel da mulher na igreja vai ficando cada vez mais confinado à esfera privada.

Bibliografia usada e sugerida

- . *Bíblia Sagrada Para o Terceiro Milênio da Encarnação: Versão dos Textos Originais*. Edited by Herculano Alves. 3 ed. Lisboa: Difusora Bíblica, 2001
- Ariès, Philippe, and Georges Duby. *A History of Private Life*. 5 vols. Cambridge, Mass.: Belknap Press of Harvard University Press, 1987.
- Bain, Katherine. *Women's Socioeconomic Status and Religious Leadership in Asia Minor: In the First Two Centuries C.E.*. Minneapolis: Fortress Press, 2014.
- Barrier, Jeremy W. "The Acts of Paul and Thecla: A Critical Introduction and Commentary." Revision of the author's thesis (Ph D), Brite Divinity School, Texas Christian University, 2009.
- Bremmer, Jan N. *Maidens, Magic and Martyrs in Early Christianity*. Wissenschaftliche Untersuchungen Zum Neuen Testament. Tübingen: Mohr Siebeck, 2017.
- Butler, Rex. *The New Prophecy and 'New Visions': Evidence of Montanism in the Passion of Perpetua and Felicitas*. 1st edition. ed. Mountain Home, AR: BorderStone Press, LLC, 2014.
- Ciampa, Roy E., and Brian S. Rosner. *The First Letter to the Corinthians*. The Pillar New Testament Commentary. Grand Rapids, Mich. Nottingham, England: William B. Eerdmans Publishing Co.; Apollos, 2010.
- Daniélou, Jean. *The Ministry of Women in the Early Church*. London: Faith Press, 1961.

- Davies, W. D. *The Cambridge History of Judaism, Vol. 3: The Early Roman Period*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2000.
- . *The Cambridge History of Judaism, Vol. 4: The Late Roman-Rabbinic Period*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2008.
- Duby, Georges, Michelle Perrot, and Pauline Schmitt Pantel. *A History of Women in the West*. 5 vols. Cambridge, Mass.: Belknap Press of Harvard University Press, 1992.
- Dunn, Geoffrey D., and Tertullian. *Tertullian*. The Early Church Fathers. London; New York: Routledge, 2004.
- Ehrman, Bart D. *After the New Testament, 100-300 C.E. : A Reader in Early Christianity*. Second edition. ed. New York: Oxford University Press, 2015.
- . *Lost Christianities: The Battles for Scripture and the Faiths We Never Knew*. New York: Oxford University Press, 2003.
- . *The New Testament: A Historical Introduction to the Early Christian Writings*. 2nd ed. New York: Oxford University Press, 2000.
- Eusebius. *Ecclesiastical History*. The Fathers of the Church, a New Translation, V 19. Washington,: Catholic University of America Press, 1965.
- . *Ecclesiastical History*. The Fathers of the Church, a New Translation, V 29. Washington,: Catholic University of America Press, 1969.
- Forbes, Christopher. *Prophecy and Inspired Speech in Early Christianity and Its Hellenistic Environment*. Peabody, Mass.: Hendrickson, 1997.
- Harvey, Susan Ashbrook, and David G. Hunter. *The Oxford Handbook of Early Christian Studies*. Oxford Handbooks. Oxford; New York: Oxford University Press, 2008.
- Hyllen, Susan. *Women in the New Testament World*. Essentials of Biblical Studies. New York: Oxford University Press, 2019.
- Jeffers, James S. *The Greco-Roman World of the New Testament Era: Exploring the Background of Early Christianity*. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1999.
- Kateusz, Ally. *Mary and Early Christian Women: Hidden Leadership*. Cham, Switzzeland: Palgrave Macmillan, 2019.
- Keener, Craig S. *Paul, Women & Wives: Marriage and Women's Ministry in the Letters of Paul*. Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1992.
- Kienzle, Beverly Mayne, and Pamela J. Walker. *Women Preachers and Prophets through Two Millennia of Christianity*. Berkeley: University of California Press, 1998.
- Kraemer, Ross Shepard. *Her Share of the Blessings: Women's Religions among Pagans, Jews, and Christians in the Greco-Roman World*. New York: Oxford University Press, 1992.
- Kraemer, Ross Shepard, and Mary Rose D'Angelo. *Women & Christian Origins*. New York: Oxford University Press, 1999.
- Kroeger, Catherine. "The Neglected History of Women in the Early Church." *Christian History*, Issue 17, Women in the Early Church, 2017.
- Küing, Hans, and John Stephen Bowden. *Women in Christianity*. London; New York: Continuum, 2005.
- Kydd, Ronald. *Charismatic Gifts in the Early Church*. Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1984.
- Lamelas, Isidro Pereira. *As Origens Do Cristianismo: Padres Apostólicos*. Lisboa: Paulus, 2016.
- Lieu, Judith. *Marcion and the Making of a Heretic: God and Scripture in the Second Century*. New York, NY: Cambridge University Press, 2015.
- MacDonald, Margaret Y. *The Pauline Churches: A Socio-Historical Study of Institutionalization in the Pauline and Deutero-Pauline Writings*. Society for New Testament Studies Monograph Series. 1st pbk. ed. Cambridge, UK ; New York: Cambridge University Press, 2004.
- Madigan, Kevin, and Carolyn Osiek. *Ordained Women in the Early Church: A Documentary History*. Baltimore, Md.: Johns Hopkins University Press, 2005.

- Marjanen, Antti, and Petri Luomanen. *A Companion to Second-Century Christian "Heretics"*. Supplements to Vigiliae Christianae. Leiden; Boston: Brill, 2005.
- Massey, Lesly F. *Daughters of God, Subordinates of Men: Women and the Roots of Patriarchy in the New Testament*. Jefferson, North Carolina: McFarland & Company, Inc., Publishers, 2015.
- Mathew, Susan. *Women in the Greetings of Romans 16.1-16: A Study of Mutuality and Women's Ministry in the Letter to the Romans*. Library of New Testament Studies. London, UK; New York, NY: Bloomsbury T & T Clark, an imprint of Bloomsbury Publishing Plc, 2013.
- Miller, Patricia Cox. *Women in Early Christianity: Translations from Greek Texts*. 1st ed. Washington, D.C.: Catholic University of America Press, 2005.
- Origen, and Thomas P. Scheck. *Commentary on the Epistle to the Romans. Books 6-10*. The Fathers of the Church. Washington, D.C.: Catholic University of America Press, 2002.
- Osiek, Carolyn, Margaret Y. MacDonald, and Janet H. Tulloch. *A Woman's Place: House Churches in Earliest Christianity*. Minneapolis, MN: Fortress Press, 2006.
- Robinson, James M., Richard Smith, and Coptic Gnostic Library Project. *The Nag Hammadi Library in English*. 3rd completely rev. ed. San Francisco: Harper & Row, 1988.
- Ryrie, Charles Caldwell. *The Role of Women in the Church*. 2nd ed. Nashville, Tenn.: B & H Academic, 2011.
- Sawyer, Deborah F. *Women and Religion in the First Christian Centuries*. Religion in the First Christian Centuries. London; New York: Routledge, 1996.
- Schaff, Philip. *History of the Christian Church*. 3rd ed. 8 vols. Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1996.
- Schenk, Christine. *Crispina and Her Sisters: Women and Authority in Early Christianity*. Minneapolis, MN: Fortress Press, 2017.
- Schüssler Fiorenza, Elisabeth. *In Memory of Her: A Feminist Theological Reconstruction of Christian Origins*. 10th anniversary ed. New York: Crossroad, 1994.
- Tabbernee, William. *Fake Prophecy and Polluted Sacraments: Ecclesiastical and Imperial Reactions to Montanism*. Supplements to Vigiliae Christianae. Leiden; Boston: Brill, 2007.
- Taylor, Joan E. *Patterns of Women's Leadership in Early Christianity*. First edition. ed. New York: Oxford University Press, 2021.
- Tervahauta, Ulla. *Women and Knowledge in Early Christianity*. Leiden; Boston: Brill, 2017.
- Trevett, Christine. *Montanism: Gender, Authority, and the New Prophecy*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 1996.
- Tucker, Ruth, and Walter L. Liefeld. *Daughters of the Church: Women and Ministry from New Testament Times to the Present*. Grand Rapids, Mich.: Academic Books, 1987.
- V. Novenson, Matthew, and R. Barry Matlock. *The Oxford Handbook Pauline Studies*. Oxford Handbooks - Cloth. 1. ed. New York: Oxford University Press, 2022.
- Witherington, Ben. *Women in the Earliest Churches*. Monograph Series / Society for New Testament Studies. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 1988.
- . *Women in the Ministry of Jesus: A Study of Jesus' Attitudes to Women and Their Roles as Reflected in His Earthly Life*. Monograph Series / Society for New Testament Studies. Cambridge Cambridgeshire; New York: Cambridge University Press, 1984.
- Witherington, Ben, and Ann Witherington. *Women and the Genesis of Christianity*. Cambridge England; New York: Cambridge University Press, 1990.
- Wuest, Kenneth Samuel. *The Pastoral Epistles in the Greek New Testament for the English Reader*. Grand Rapids: W.B. Eerdmans Pub. Co., 1960.